

Resumo de Livros/Book Reviews

Desnutrição intra-uterina e pós-natal, por Fernando José de Nóbrega. São Paulo, Panamed Editorial, 1981. 530 p.

O livro é composto de seis capítulos a saber: Aspectos Gerais; Desnutrição Intra-Uterina; Desnutrição Pós-Natal; Carências Específicas; O Profissional e o Desnutrido; e Aspectos Preventivos. Cada um deles aborda itens ou aspectos específicos escrito por autor ou autores de vários centros universitários brasileiros. Na apresentação, é ressaltada a desnutrição como problema econômico-social em países como o Brasil, onde a desnutrição da criança começa no útero materno e ao nascer não encontra condições para superar a sua inferioridade devido aos mesmos problemas sócio-econômicos.

O livro nos seus diferentes capítulos trata do problema da desnutrição sob diferentes e amplos enfoques, abordando desde os requerimentos nutricionais e os fundamentos fisiológicos até os aspectos econômicos da desnutrição protéico calórica e políticas de alimentação e nutrição; desde aspectos placentários da desnutrição e o crescimento fetal intra-uterino retardado até as múltiplas repercussões fetais: enzimáticos, metabólicos, morfológicos, imunológicos, além de outras.

No capítulo terceiro, que trata da desnutrição pós-natal, além da descrição das repercussões sob múltiplos aspectos, são abordados assuntos que dificilmente são encontrados na literatura como por exemplo o custo hospitalar do atendimento ao desnutrido e a alimentação simplificada de baixo custo.

Também são descritos problemas e situações do desnutrido e o papel de diferentes profissionais: o médico pediatra e o obstetra, o nutricionista e a enfermeira. Aspectos epidemiológicos e os preventivos — destacando-se o aleitamento materno — também são discutidos com bastante propriedade.

Pelo conteúdo dos diferentes capítulos e pela abrangência dos assuntos tratados é um livro de consulta obrigatória a pediatras e a nutricionistas bem como a profissionais de saúde pública.

Digna de nota é a bibliografia bastante extensa e, para a maioria dos assuntos tratados, bastante atualizada.

Ruy Laurenti

Departamento de Epidemiologia — FSP/USP

Health care in big cities, ed. by Leslie H.W. Paine. London, Cross Helm/International Hospital Federation, 1978. 368 p.

O livro é parte de uma pesquisa, a longo prazo, que pretende estabelecer uma metodologia e princípios básicos para o estudo e planejamento de assistência à Saúde nos grandes centros urbanos, proposta pela Federação Internacional de Hospitais, com vistas a não perpetuar o atual trágico panorama das condições de saúde nas áreas metropolitanas. Apresenta, assim, os estudos realizados por vários autores sobre assistência à saúde, nas grandes cidades, como subsídios ao 20º Congresso da Federação Internacional de Hospitais, realizado em Tóquio em 1977, a fim de informar, explorar e estimular a disseminação de informações sobre os padrões atuais de serviços de saúde em grandes cidades. Os estudos adotam, geralmente, a expressão "grandes centros urbanos", como mais abrangente para os agregados que se fazem às cidades grandes e no sentido de "regiões" com cidades grandes como suas capitais, que estão com populações em torno de 10 milhões de habitantes.

A enumeração dos problemas de saúde nos grandes centros urbanos abrange, entre outros aspectos:

- o mosaico de autoridades locais, que leva quase imediatamente à necessidade de uma agência coordenadora; a administração de serviços, considerada como um sistema, particularmente complexa, pouco conhecida e pobremente coordenada;
- o aumento do custo dos serviços, levando a formas financiadoras do tipo seguro-social; a organização de serviços específicos (cuidados de emergência, serviços psiquiátricos, serviços ambulatoriais, preventivos e curativos, reabilitação dos fisicamente incapazes, cuidados domiciliares, cuidados com idosos, etc.); e a dificuldade de medir a demanda potencial e mais ainda as necessidades reais de assistência médica.

Como a pesquisa mais ampla é preocupação de uma federação internacional de hospitais, o que é colocado como um dos mais urgentes problemas para o poder público é a distribuição de hospitais nessas áreas, já que, por razões históricas, muitos deles foram edificadas no centro mais antigo das cidades ou em sua periferia próxima, que está, hoje, totalmente construída, levando à excessiva concentração de hospitais e dos recursos humanos a eles veiculados (médicos, pessoal paramédico, serviços). Mesmo que, em geral, os serviços de prevenção estejam com as autoridades locais, as tendências políticas e os recursos financeiros variam muito, causando grande desigualdade de distribuição e eficiência, levando a que a rede hospitalar, mesmo planejada com todos os detalhes, tenha muitos anos entre a decisão política inicial e o começo de funcionamento de um hospital.

O problema é ainda mais complicado nas grandes cidades, pelo fato de que os serviços de saúde contribuem para a educação médica e pesquisa, fazendo a coordenação absolutamente necessária entre as autoridades governamentais, as agências de pesquisa, de planejamento e coordenação, o que pode levar a uma centralização excessiva e artificialmente colocada.

O livro apresenta os vários trabalhos em duas partes: a primeira parte diz respeito à descrição organizacional dos serviços de saúde em grandes cidades, abordando as-

pectos particulares desses serviços em Londres, Nova York, Paris, Sidney, Toronto, Bogotá, Cidade do México, São Paulo, Hong Kong, Manila e Tóquio; e a segunda parte, os aspectos dos serviços locais (no sentido metropolitano): participação da comunidade em Saúde Mental (Londres); assistência à Saúde em uma grande cidade em tempo de crise fiscal (Nova York); regionalização de serviços de saúde metropolitanos (Estocolmo); procedimentos para supervisão de assistência à Saúde (Toronto); Política de Saúde e Planejamento (Bogotá); atenção médica para imigrantes que demandam as grandes cidades; determinação de necessidades hospitalares gerais; os serviços médico-auxiliares para emergências e calamidades (Hong Kong); Sistema Nacional de Assistência à Saúde nas Filipinas — a área metropolitana de Manila e as ligações com o centro de saúde na menor unidade de sua estrutura política, o "barangay"; serviços médicos de emergência (Tóquio).

O saudoso Professor Odair Pacheco Pedroso e os colaboradores: Lourdes de Freitas Carvalho, Ruy Laurenti, Cid Guimarães, José Maria Pacheco de Souza, Maria Helena P. de Mello Jorge Silveira, Sabina Lea Davidson Gotlieb e José Gabriel Borba colaboraram com dois artigos: "Serviços de Saúde em Grandes Cidades — São Paulo" e "Determinação de Necessidades de Hospitais Gerais". O artigo sobre São Paulo (1ª parte) aborda as características gerais e institucionais, a demografia (com população, taxas de nascimento, mortalidade e imigração), os principais problemas de saúde e a assistência médica e hospitalar, citando a experiência da Unidade Integrada e Saúde de Cotia.

O livro é de grande importância para docentes, técnicos governamentais e alunos que se interessem pelos problemas de saúde das áreas metropolitanas, sendo recomendável sua leitura e disponibilidade nas bibliotecas universitárias e órgãos da administração pública.

Evelin Naked de Castro Sá
Departamento de Prática de Saúde Pública
— FSP/USP

Infectious diseases, by A.M. Ramsay & R.T.D. Edmond. 2nd ed. London, William Heineman Medical Books, 1978. 401 p.

Em 44 capítulos os autores procuram transmitir o que existe de fundamental e de atualizado em relação à patogênese, diagnóstico, terapêutica e profilaxia de 38 moléstias infecciosas de interesse atual. Embora seja uma obra redigida por clínicos, observa-se uma preocupação em situar o diagnóstico clínico em um enfoque mais amplo, denunciada no primeiro capítulo "Relação entre Hospedeiro e o Parasita" e no último capítulo "Lei de Saúde Pública", no qual são inseridas normas sanitárias e a relação de moléstias de notificação compulsória em vigor na Inglaterra e Gales, além de um quadro muito elucidativo, elaborado pelo Serviço de Saúde Escolar daqueles países, contendo instruções para a dispensa de escolares na vigência de 24 doenças infecciosas.

O epidemiologista e o administrador hospitalar encontram matéria de maior interesse nos capítulos 42, "Controle de Infecção Hospitalar", 43, "Esterilização e Desinfecção", e 45, "Investigações Laboratoriais".

A impressão do livro é excelente, destacando-se a presença de 132 ilustrações monocromáticas e de 12 páginas contendo fotografias em cores, as quais focalizam nitidamente sinais clínicos das entidades mórbidas estudadas.

A apresentação dos assuntos em itens curtos, o uso de quadros sinópticos, de gráficos e de ilustrações, a linguagem simples facilitam a compreensão do texto, tornando o livro de muita utilidade para estudantes universitários e para profissionais que desejem uma revisão condensada de conhecimentos na área.

Lygia Bush Iversson

Departamento de Epidemiologia - FSP/USP

The practice of preventive health care, edited by Laurence J. Schneiderman. Menlo Park, California, Addison-Wesley Publ. Co., 1981. 363 p.

O Editor parte do princípio de que a decisão médica é tomada pelo clínico "em decorrência de completa e adequada consideração dos aspectos clínicos e epidemiológicos do problema em questão". Com tal pressuposto, o livro contém matéria destinada ao médico praticante que deseje dar ênfase à medicina preventiva, nas suas atividades de assistência à saúde. Nos quatorze capítulos, a matéria é dividida em assuntos gerais, iniciando-se com o rastreamento ("screening"), pesquisa de casos e prevenção. A seguir são abordados assuntos como acidentes, aconselhamento genético e imunização. Também incluem-se temas mais específicos, como problemas do esporte, acidentes ocupacionais, fumo e doença e outros. O livro conclui com dois capítulos dedicados à promoção da saúde na infância e à assistência preventiva à saúde nos adultos. Se bem que apresentado de maneira um tanto esquemática, o texto é bastante atual e bem apresentado. Em que pese a multiplicidade de autores para os vários capítulos, o nível mantém-se homogêneo e elevado. Todavia, há que assinalar que a temática é especialmente dirigida para os países desenvolvidos e os fatores sociais não são profundamente abordados. Faz exceção um capítulo subordinado ao tema das equipes profissionais da saúde e os recursos da comunidade, incluindo o contexto da família. Obviamente, para os países em desenvolvimento, muita dessa matéria poderá encontrar aplicação adequada. Contudo, é certo que boa parte da problemática não consta em obra como essa. De qualquer forma, sua atualização e adequado tratamento do assunto, recomendam a leitura desse livro aos clínicos e estudantes interessados.

Oswaldo Paulo Forattini

Departamento de Epidemiologia - FSP/USP

Recent advances in germfree Research; edited by Shogo Sasaki, Atsushi Ozawa and Kasuo Hashimoto. Tokyo, Tokai University Press, 1981. [Proceedings of VIIth International Symposium on Gnotobiology, Tokyo, 1981]

Qualquer história mais séria da evolução do saber humano não pode deixar de salientar que os fatos capitais por que tal evolução se foi desenvolvendo, se espaçam por consideráveis lapsos de tempo que abrangem séculos, ou mesmo, milênios de esforços. E todo processo não se desenvolveu sem contrariedades; foi, pelo contrário, árduo e assinalado por alternativas de coerção e submissão perante influências adversas e por vitórias brilhantes e fecundas. E quase pode dizer-se que somente há pouco mais de um século, que o espírito humano se pode entregar com relativo desafogo ao desvendar de problemas que à sua curiosidade se foram apresentando, sem mais restrições que não fossem as que a própria inteligência lhe estabelece. Acabou a ciência moderna por aprender o que lhe é permitido e o que lhe é vedado, adquirindo a consciência de quanto o seu domínio de coisas naturais é suficientemente utilizável na melhoria da condição humana. O desenvolvimento de uma elaborada técnica que permite criar animais isentos da contaminação microbiana, ou animais gnotobióticos, foi mais um daqueles passos dado pela ciência, passo este que tem trazido as melhores contribuições à solução de uma série de problemas na área da biologia.

Em julho de 1981, realizou-se, na cidade de Tóquio, o 7º Simpósio Internacional de Gnotobiologia com uma volumosa contribuição dada por cientistas de diversas nacionalidades. A coletânea destes trabalhos faz parte da publicação referida, que se constitui numa excelente obra de consulta para os especialistas interessados na utilização do estado gnotobiótico para a solução de seus problemas. Esta coletânea está dividida em 13 capítulos, cujos temas vão desde uma série de informações históricas sobre a evolução da gnotobiologia, até à descrição de pormenores técnicos e aplicações práticas no campo da imunologia e no

estudo de tumores malignos. O conjunto de informações contidas nesta longa série de trabalhos reflete os dois interesses manifestos na gnotobiologia: por um lado a obtenção dos animais gnotobióticos e definição de suas características; por um outro, a utilização dos mesmos nos diversos campos da ciência.

São de particular interesse as informações de caráter técnico e as que abordam temas ligados à relação entre o hospedeiro e sua flora microbiana. No primeiro caso a multiplicidade de pormenores, desde a instalação de laboratórios adequados, até sua utilização, permite, ao mesmo tempo, avaliar a complexidade dos pormenores envolvidos e colher dados suficientemente explícitos para solucionar problemas com que se defronte quem já enveredou no campo da gnotobiologia. No que respeita o estudo das relações entre o hospedeiro e sua flora microbiana, são abordados temas como a colonização microbiana, metabolismo e flora microbiana, aspectos fisiológicos do estado gnotobiótico e processos de resistência à infecção, com uma riqueza de pormenores de particular interesse.

Três capítulos são dedicados às aplicações do estado gnotobiótico à imunologia, abordando os diversos autores temas de imunobiologia, imunologia dos transplantes e imunologia dos tumores. Dos três capítulos finais dois dedicam-se à utilização de animais gnotobióticos no estudo do câncer e o terceiro compreende uma miscelânea de trabalhos, não categorizáveis nos capítulos iniciais.

Trata-se, em resumo, de uma obra de excelente qualidade, tanto do ponto de vista da forma, quanto do conteúdo que, repetimos, deve fazer parte indispensável da biblioteca de quem deseje aproveitar os benefícios desta nova especialidade. Não é, certamente, um livro para principiantes. Pelo contrário, para os iniciados, dada a natureza de seu conteúdo, sua leitura é do maior interesse e pode dizer-se mesmo, absorvente.

José Alberto Neves Candéias
Departamento de Microbiologia e
Imunologia — ICB/USP

The role of medicine, by Thomas McKeown.
Oxford, Basil Blackwell Publisher Ltd,
1979.

Thomas McKeown, Professor de Medicina Social na Universidade de Birmingham e autor de conhecidas obras na especialidade, envereda, no presente livro: "The Role of Medicine", pela linha em que Ivan Illich com: "A Expropriação da Saúde. Nêmesis da Medicina" tanta notoriedade alcançou.

A crítica de McKeown não conduz, todavia, a uma visão apocalíptica da medicina e dos serviços de saúde ou a negação de tais saberes e práticas. O que faz é examinar a validade da concepção de que a saúde do homem depende, fundamentalmente, de uma abordagem mecanicista baseada na compreensão da estrutura e funcionamento do organismo e das doenças que o afetam e, a partir daí, examinar suas conseqüências para a medicina, em particular para os serviços de saúde, a educação e a pesquisa médicas.

Utilizando uma arguta, provocante e bem documentada análise da evolução da medicina, dos serviços de saúde e do estado de saúde da população inglesa nos últimos 3 séculos, especialmente no período de 1848-54 a 1971, quando a mortalidade por causas já era disponível, McKeown apresenta suas teses centrais. Entre elas a que a evolução favorável da situação de saúde da população inglesa, expressa pelos indicadores de mortalidade, independem da Revolução Industrial e, em grande parte, da própria constituição da medicina científica sendo conseqüência da maior disponibilidade de alimentos, dos progressos na higiene ambiental e da redução da velocidade de crescimento populacional, complementada por mudanças no comportamento individual. Ou, que a visão mecanicista do corpo humano e dos problemas de saúde, bem como a tendência a corrigi-lo como se faz a um mecanismo desarranjado, deve ser substituída por uma abordagem que procure alterar favoravelmente o ambiente em que o homem vive e que determina sua saúde, ao invés de tentar entender e atuar diretamente nos processos íntimos da doença. Ou

ainda, que a prática, o ensino e a pesquisa médicas devem abandonar sua tendência a considerar como centro de sua preocupação apenas o doente agudo para atingir também o crônico, o agônico e o incapacitado.

O estudo proposto se estende pelas 3 partes do livro subdivididas em 14 capítulos, que tratam respectivamente dos conceitos de saúde e doença, dos determinantes da saúde e do papel da medicina.

Na primeira parte são discutidas as duas abordagens históricas da medicina simbolizadas pelos mitos gregos de Hygíia que salienta a saúde como ordem natural das coisas e um atributo positivo que o homem adquire ao governar sabiamente sua vida e Asclepius que ressalta serem as doenças imperfeições devidas a acidentes do nascimento ou da vida que incumbe aos médicos corrigir. Na prática médica tais concepções se traduzem por conhecer e modificar as condições de vida que determinam a doença ou pelo entendimento de seus mecanismos íntimos procurando obviá-los por intervenção preventiva ou restauradora.

Para melhor examinar as possibilidades de intervenção acima delineadas, McKeown divide as doenças, quanto à sua origem, em 2 grandes grupos: as irremediavelmente determinadas à fertilização e as que apenas se manifestam em ambientes favoráveis. Quanto às primeiras, pouco se tem feito e as possibilidades de seu controle residem em avanços do conhecimento que permitam evitar a concepção, interromper a gestação e tratar suas manifestações pós-natais. Quanto às segundas, que se manifestam em condições ambientais definidas, o seu controle, que inicialmente dependeu da seleção natural, nos 3 últimos séculos obedece a modificações das condições de vida.

A segunda parte do livro é um estudo empírico da evolução da mortalidade por doenças infecciosas e não infecciosas, na Inglaterra e Gales no período já referido. McKeown pretende mostrar que a notável redução do obituário, a qual já se delineava nitidamente mesmo antes do período estudado, foi determinada principalmente pela melhoria do estado nutricional, produzida

por efetivo aumento da produção de alimentos, pela melhoria das condições de higiene, verificada na segunda metade do século passado, e muito pouco pelos avanços na imunização e terapêutica ocorridos neste século. Com relação a redução dos óbitos por doenças não-infecciosas, a razão são as mudanças comportamentais, principalmente quanto ao hábito de fumar e ao padrão reprodutivo.

A limitação consciente do tamanho da prole, que na Europa Ocidental data do século passado, é eleita como variável explicativa básica, pois, além de contribuir indiretamente para o aumento da disponibilidade alimentar, pela redução do número de membros das famílias, influíu diretamente na eliminação de duas causas de óbito comuns na Europa, até o início deste século, o infanticídio e a fome.

Ao perquirir sobre a saúde no futuro, partindo da premissa que a doença ocorre ou por erro de programação genética ao momento de fertilização ou porque embriões, fetos ou recém-nascidos corretamente programados são expostos a ambiente pouco adequado, McKeown propõe nova classificação das doenças em 4 grupos: a) relativamente intratáveis, b) preveníveis associadas a pobreza, c) preveníveis associadas a riqueza e d) potencialmente preveníveis, cuja relação com a pobreza ou riqueza é desconhecida. Analisando a contribuição da medicina para a redução de tais doenças e para o aumento da expectativa de vida, conclui pelo seu papel extremamente secundário face a dominância do controle dos fatores ambientais, principalmente fome, falta de higiene e tamanho da população.

A terceira parte do livro em questão é consagrada ao papel da medicina, procurando o Autor mostrar que ao médico é muito mais importante conhecer os fatores determinantes da doença que os seus mecanismos íntimos, como a medicina científica, cartesiana e mecanicista procura fazer, ao conceber o homem como máquina cuja peças desgastadas são repostas e cujas funções

alteradas são corrigidas. Procura, ademais, examinar criticamente a tendência do médico ocupar-se preferentemente dos casos agudos, passíveis de uma intervenção com resultados positivos e que demandam curta hospitalização, abandonando os casos crônicos, asilados ou confinados ao domicílio, assim como os pacientes terminais, sem uma efetiva assistência ainda que do tipo puramente sacerdotal e paliativo. Remonta a origem de tais condutas a própria constituição dos hospitais voluntários do século XVIII, na Inglaterra, que, ao privilegiarem o atendimento de pacientes recuperáveis relegavam os demais a outras instituições governamentais, instaurando-se uma dicotomização entre hospitais para agudos e para crônicos, que se perpetuou, influíu na prática médica e no próprio ensino.

Ademais de comentar os críticos mais contundentes da medicina atual como Thomas, Burnet, Dubos e Illich, McKeown procura estabelecer os escopos de uma nova proposta de medicina que procure remover as principais causas de infelicidade que resulta da doença e da morte.

Pode-se discordar de algumas posições de McKeown, entre elas os limites progressos fixados para eventos históricos fundamentais como a Revolução Industrial ou a própria Medicina Científica e mesmo sua tendência a generalizar para os países subdesenvolvidos de hoje, fatos ocorridos na Inglaterra dos séculos XVIII, XIX e XX. Pode-se discutir sua posição neo-maltusiana e, até mesmo, em uma postura mais conservadora e corporativista, acoiar de injustas e exageradas suas críticas à concepção mecanicista do homem.

Não se pode, todavia, negar ao livro de Thomas McKeown, o mérito de se constituir em uma talentosa análise da medicina e da sociedade britânica nos 3 últimos séculos.

Oswaldo Campos

*Departamento de Prática de Saúde Pública
— FSP/USP*